

ARTIGO

CONTINUUM ECLÉTICO, DISCIPLINA DISTINTA OU SUBDOMÍNIO DOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO?

Considerações teóricas e conclusões empíricas a respeito da disciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade dos estudos de jornalismo

Copyright © 2014
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

MARTIN LÖFFELHOLZ
Universidade Ilmenau de Tecnologia, Alemanha

LIANE ROTHENBERGER
Universidade Ilmenau de Tecnologia, Alemanha

RESUMO - Os estudos de jornalismo são um subdomínio dos estudos de comunicação, uma disciplina distinta, uma fusão multidisciplinar ou uma tentativa transdisciplinar? Discute-se esta questão, neste artigo, através da análise dos volumes de 2008 e 2009 de sete publicações acadêmicas que focalizam a pesquisa em jornalismo. A amostra inclui 349 artigos publicados na *Brazilian Journalism Research*, *Equid Novi: African Journalism Studies*, *Journalism & Communication Monographs*, *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Pacific Journalism Review*, *Journalism Studies* e *Journalism: Theory, Practice and Criticism*. De modo geral, as conclusões revelam que a pesquisa em jornalismo utiliza principalmente as abordagens teóricas e os métodos empíricos derivados de outras disciplinas, especialmente da sociologia, da psicologia e dos estudos culturais. Entretanto, em muitos países os estudos de jornalismo já alcançaram um nível comparativamente alto de institucionalização, indicado pelo grande número das escolas específicas, dos cargos de professor, das associações profissionais e das respectivas publicações acadêmicas. Concluímos por defender a tese de que os estudos de jornalismo são um subdomínio dos estudos de comunicação que integra e transcende várias disciplinas visando se tornar uma das matérias mais importantes do século XXI.

Palavras-chave: Pesquisa em jornalismo. Transdisciplinaridade. Interdisciplinaridade.

¿CONTINUO ECLÉTICO, DISCIPLINA DISTINTA O SUBDOMINIO DE LOS ESTUDIOS DE COMUNICACIÓN?

Consideraciones teóricas y conclusiones empíricas a propósito de la disciplinariedad, multidisciplinariedad y transdisciplinariedad de los estudios de periodismo

RESUMEN - ¿Los estudios de periodismo son un subdominio de los estudios de comunicación, una disciplina distinta, una fusión multidisciplinaria o una tentativa transdisciplinaria? Se discute esta cuestión a través del análisis de los volúmenes de 2008

y 2009 de siete publicaciones académicas que focalizan la investigación en periodismo. La muestra incluye 349 artículos publicados en *Brazilian Journalism Research*, *Equid Novi*, *African Journalism Studies*, *Journalism & Communication Monographs*, *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Pacific Journalism Review*, *Journalism Studies*, y *Journalism: Theory, Practice and Criticism*. De manera general, las conclusiones revelan que la investigación en periodismo utiliza principalmente enfoques teóricos y métodos empíricos derivados de otras disciplinas, en especial de la sociología, la psicología y los estudios culturales. Sin embargo, en muchos países los estudios de periodismo ya han alcanzado un nivel comparativamente alto de institucionalización, indicado por el gran número de escuelas específicas, cargos de profesor, asociaciones profesionales y publicaciones académicas. Como conclusión, defendemos la tesis de que los estudios de periodismo son un subdominio de los estudios de comunicación que integra y trasciende varias disciplinas con vistas a convertirse en una de las materias más importantes del siglo XXI.

Palabras clave: Investigación en periodismo. Transdisciplinariedad. Interdisciplinariedad.

ECLECTIC CONTINUUM, DISTINCT DISCIPLINE OR SUB-DOMAIN OF COMMUNICATION STUDIES?

Theoretical considerations and empirical findings on the disciplinarity, multidisciplinary and transdisciplinarity of journalism studies

ABSTRACT - Is journalism studies a sub-domain of communication studies, a distinct discipline, a multidisciplinary merger or a transdisciplinary endeavour? This question is discussed by analyzing the 2008 and 2009 volumes of seven academic journals focusing on journalism research. The sample includes 349 articles published in *Brazilian Journalism Research*, *Equid Novi*, *Journalism & Communication Monographs*, *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Pacific Journalism Review*, *Journalism Studies*, or *Journalism: Theory, Practice and Criticism*. Overall, the findings reveal that journalism research mainly applies theoretical approaches and empirical methods deriving from other disciplines, particularly sociology, psychology or cultural studies. In many countries, however, journalism studies has reached a comparatively high level of institutionalization indicated by the large number of specific schools, professorships, professional associations and respective academic journals. In conclusion, we argue that journalism studies is a sub-domain of communication studies, which integrates and transcends various disciplines aiming to become one of the axial subjects of the 21st century.

Keywords: Journalism Research. Transdisciplinarity. Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Os estudos de jornalismo são um campo de pesquisa pluralista, diferenciado e dinâmico, e “uma das áreas que crescem mais rapidamente dentro da disciplina maior de pesquisa em comunicação e estudos de mídia”, como os editores do *Handbook of Journalism Studies (Manual de Estudos de Jornalismo)* ressaltaram recentemente (WAHL-JORGENSEN e HANITZSCH, 2009, p. xi). Por outro lado, assume-se que “o estudo de jornalismo surge de e por diferentes comunidades interpretativas” (ZELIZER, 2004, p. 13), com base em diversas disciplinas acadêmicas, especialmente a sociologia, a história, os estudos de

línguas, a ciência política e a análise cultural, para mencionar apenas as matérias discutidas explicitamente por Barbie Zelizer no seu apelo de levar a sério o jornalismo (ZELIZER, 2004, p. 45-202).

Apesar de suas raízes aparentemente multidisciplinares, no século 21 os estudos de jornalismo atingiram um nível relativamente alto de institucionalização disciplinar no mundo inteiro, como demonstra a grande quantidade de escolas específicas, cargos de professor e associações profissionais. As universidades norte-americanas começaram a ensinar o jornalismo dentro das matérias culturais clássicas em torno de 1900. As primeiras escolas norte-americanas de jornalismo foram estabelecidas até 1927; outros países seguiram o exemplo décadas mais tarde (ZELIZER, 2004, p. 15-21). Na Alemanha, o interesse erudito pelo jornalismo aumentou no início do século 20, entretanto, a institucionalização das escolas de jornalismo não começou até a década de 1970 (LÖFFELHOLZ, p. 1989). No Brasil, o jornalismo como objeto de pesquisa atraiu a atenção de estudiosos como Adelmo Genro Filho na mesma época. Contudo, muitas escolas de jornalismo foram estabelecidas mais tarde, na década de 1990 (TRAQUINA, 2005a, p. 14).

Outros indicadores de uma institucionalização dos estudos de jornalismo são a quantidade e o foco das revistas acadêmicas que contribuem para a erudição relativa ao jornalismo. De acordo com seus títulos, pelo menos sete publicações periódicas em inglês se dedicam principalmente à pesquisa em jornalismo, a saber: (em ordem alfabética) *Brazilian Journalism Research*, *Ecquid Novi: African Journalism Studies*, *Journalism & Communication Monographs*, *Journalism & Mass Communication Quarterly*, *Pacific Journalism Review*, *Journalism Studies*, e *Journalism: Theory, Practice and Criticism*. Subsequentemente, alguns autores descrevem os estudos de jornalismo como uma “disciplina recém-nascida” visando o “estudo multidisciplinar do jornalismo” (FRANKLIN *et al.*, 2005, p. XV).

Sem dúvida, o estudo de jornalismo se beneficiou com as abordagens teóricas e os métodos empíricos de pesquisa derivados de várias ciências sociais e matérias culturais clássicas. Além disso, o impacto destas raízes multidisciplinares na pesquisa em jornalismo contemporânea não está claro. É problemático se os estudos de jornalismo simplesmente usam ou não o conhecimento de outras disciplinas, criando assim um *continuum* eclético e um tanto desconectado de teorias e métodos (“multidisciplinaridade”). Ou será que os estudos de jornalismo, como sugere seu processo de

institucionalização, já alcançam o *status* de uma disciplina acadêmica distinta com suas próprias epistemologias, premissas, temas e métodos (“disciplinaridade”)? Ou, ainda, será que os estudos de jornalismo permanecem uma área ou subdomínio de outra matéria, isto é, estudos de mídia e comunicação, principalmente pelo uso das suas epistemologias e seus métodos (“subdisciplinaridade”)? Em último lugar, os estudos de jornalismo poderiam também ser percebidos como uma tentativa transdisciplinar ligando tanto matérias múltiplas quanto o “espaço” entre elas possibilitando novas perspectivas “além” das disciplinas envolvidas (“transdisciplinaridade”).

Discutir sua disciplinaridade, subdisciplinaridade, multidisciplinaridade ou transdisciplinaridade ajuda a situar melhor os estudos de jornalismo dentro das ciências sociais e matérias culturais clássicas além da esfera científica mais ampla. Neste artigo, visamos localizar o *status* disciplinar dos estudos de jornalismo através da utilização de dois métodos. Primeiro, elaboramos o desenvolvimento e estado do discurso teórico sobre jornalismo desde que o surgimento e modificação de ideias, abordagens, teorias, conceitos e paradigmas são sinais de autonomia disciplinar de um campo de matéria acadêmica. Segundo, descrevemos a real situação da pesquisa em jornalismo através da apresentação das conclusões principais de uma análise de conteúdo dos volumes de 2008 e 2009 das sete revistas acadêmicas mencionadas acima. Os resultados ajudam a detectar quais paradigmas e abordagens teóricas estão sendo utilizados atualmente pelos pesquisadores e quais métodos empíricos dominam este campo. Além disso, as conclusões revelam a interligação complexa dos estudos de jornalismo com outras matérias acadêmicas.

1 ORIGENS MULTIDISCIPLINARES: O DISCURSO TEÓRICO SOBRE O JORNALISMO

As origens multidisciplinares de abordagens teóricas usadas em jornalismo são notáveis. As perspectivas teóricas variam das abordagens normativas e das teorias psicológicas ou sociológicas de alcance médio até as teorias organizacionais, além dos estudos de gênero e culturais, para mencionar alguns. A grande quantidade e a heterogeneidade de abordagens teóricas que se desenvolveram devido à relevância crescente da pesquisa em comunicações no mundo inteiro dificultam dar uma visão global dos fundamentos teóricos dos estudos de jornalismo (LÖFFELHOLZ, 2008, p. 15).

Os editores do *Handbook of Journalism Studies* destacam quatro fases dos estudos de jornalismo.

Embora o campo tenha surgido da pesquisa normativa de estudiosos alemães no papel da imprensa na sociedade, adquiriu proeminência com a fase do empírico, especialmente significativa nos Estados Unidos, foi enriquecido por uma posterior fase do sociológico, especialmente entre os estudiosos anglo-americanos, e atualmente com a fase do global-comparativo, tem se expandido no seu alcance para refletir as realidades de um mundo globalizado (WAHL-JORGENSEN e HANITZSCH, 2009, p. 4).

Enquanto as três primeiras fases estão bem documentadas (LÖFFELHOLZ, 2008), a fase do global-comparativo parece estar ainda na sua infância. Geralmente não há consenso de que a globalização da comunicação seja o princípio axial da pesquisa em jornalismo do futuro, mesmo que a internacionalização e a globalização tenham tido e tenham no futuro um impacto no jornalismo e na sua análise acadêmica (LÖFFELHOLZ & WEAVER, 2008).

Como ilustra a Figura 1, as origens dos estudos de jornalismo são múltiplas. Em princípio, as abordagens teóricas dos estudos de jornalismo (mostradas como círculos de cinza escuro) podem ser agrupadas e classificadas pela identificação dos seus aspectos comuns em termos de origens, premissas e noções básicas, entre outros.

Sete conceitos teóricos básicos dos estudos de jornalismo têm sido identificados (mostrados aqui como elipses em cinza claro): individualismo normativo com origens na filosofia e na história, teorias materialistas de mídia derivadas da economia política, empiricismo com base nas ciências naturais e sociais, teorias de ação, teorias de sistemas e teorias social-integrativas baseadas em abordagens sociológicas, e estudos culturais (LÖFFELHOLZ, 2000, 2003, 2008). Com base nessas considerações gerais, agora vamos descrever brevemente e analisar o surgimento dos diversos conceitos usados nos estudos de jornalismo contemporâneos.

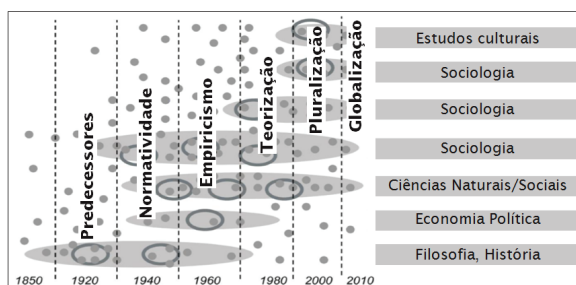


Figura 1: Origens disciplinares e fases dos estudos de jornalismo (próprio retrato)

A pesquisa em jornalismo normativa e histórico-descritiva já pode ser encontrada em meados do século 19. Um dos primeiros pesquisadores em jornalismo, mesmo que ele não tenha se identificado como tal, foi Robert Eduard Prutz. Em 1845, ele apresentou uma descritiva *História do Jornalismo Alemão* (PRUTZ, 1971 [1845]). Isso é significativo no sentido de que Prutz já focalizou não em “mídia”, tais como jornais e revistas, mas em “jornalismo”. Prutz também identificou o jornalismo como uma área social que funciona em relação com outras áreas sociais, e não o reduziu para o trabalho de jornalistas individuais. Neste sentido, ele estava à frente de sua época (e à frente de muitas abordagens posteriores do jornalismo), embora suas ideias não tivessem um impacto significativo nas matérias culturais clássicas do século 19 (HÖFFELHOLZ, 2008, p. 16).

Durante muito tempo, os pesquisadores ao redor do mundo se concentravam numa compreensão individualista e normativa do jornalismo, especialmente utilizando abordagens hermenêuticas e históricas derivadas das matérias culturais clássicas. Como resultado, logo a primeira fase dos estudos de jornalismo extrai suas epistemologias e seus paradigmas especialmente da filosofia e da história. “A história do jornalismo é muitas vezes escrita como a biografia dos grandes homens” (TRAQUINA, 2005b, p. 60). Quando os pesquisadores nos EUA começaram a conduzir estudos com atenção especial para a produção jornalística e o contexto do trabalho dos jornalistas, seu trabalho foi recebido com bastante ceticismo pelos praticantes que rotularam estes esforços como “estudos de Mickey Mouse” (ZELIZER 2004, p. 20). Embora o auge das ideias normativas e individualistas nos estudos de jornalismo já tenha passado, estas ainda podem ser encontradas tanto na prática jornalística quanto nas abordagens teóricas do campo (DUCHKOWITSCH *et al.*, 2009).

O individualismo e o normativismo estavam perdendo rapidamente seu papel dominante quando os pesquisadores começaram a utilizar o repertório de métodos empíricos na psicologia, na sociologia e na ciência política. O pesquisador norte-americano de comunicação Wilbur Schramm foi o pioneiro do empiricismo baseando-se nos trabalhos de Harold Lasswell (com raízes nas ciências políticas), Paul Frank Lazarsfeld (sociologia) e Carl Hovland (psicologia social). O êxito do empiricismo, primeiro nos Estados Unidos e depois em outras partes do mundo, levou a

uma reorientação dos estudos de jornalismo. Os pesquisadores em jornalismo então estavam focalizando mais na pesquisa empírica. Suas áreas de interesse incluíam o comportamento e os processos de tomada de decisão do jornalista – uma tradição de pesquisa introduzida pela abordagem de *gatekeeper* de David Manning White na década de 1950. Os primeiros estudos de *gatekeeper* ainda destacavam o individualismo metodológico, porém os pesquisadores logo se deram conta de que a produção de notícias é um processo complexo, não dependendo somente do trabalho dos indivíduos. Isso levou a uma inclusão de teorias organizacionais baseadas nos estudos de gestão e na sociologia (LÖFFELHOLZ, 2008, p. 18). Outras teorias sociológicas também entraram na pesquisa em jornalismo e nos estudos de comunicação (teorias de ação, como a teoria de escolha racional).

Empréstimos das ciências sociais ajudaram os estudos de jornalismo a identificar melhor as influências estruturais sobre o trabalho jornalístico, abriram o acesso a uma multidão de ideias e abordagens teóricas e levaram os estudos de jornalismo para um lugar mais próximo das ciências sociais empíricas. Por isso os estudos de jornalismo como campo de pesquisa dependem mais dos métodos vindos da psicologia ou da sociologia (entrevistas em profundidade, observações participantes ou levantamentos). Os estudos culturais e linguísticos também contribuíram para os métodos de pesquisa. A análise de conversação, por exemplo, ajudou a desenvolver a análise de discurso, que recebeu atenção ampla na psicologia anglo-americana e depois entrou nos estudos de comunicação e jornalismo. O único método de pesquisa originado nos estudos de comunicação e depois utilizado na pesquisa em jornalismo é a análise de conteúdo. Concluindo, a fase empírica nos estudos de jornalismo não resulta de um esforço disciplinar distinto, mas deriva principalmente das ciências sociais e dos estudos culturais e linguísticos.

A pesquisa empírica também lançou os alicerces de outra fase nos estudos de jornalismo. A elaboração das teorias de sistemas e das teorias sócio-integrativas como uma perspectiva para descrever o jornalismo começou com um estudo empírico do departamento editorial de um jornal como um sistema social organizado. Com base nas ideias dos sociólogos Talcott Parsons (1902-79) e Niklas Luhmann (1927-98), o estudioso alemão Manfred Rühl conduziu na década de 1960 o primeiro estudo empírico que focalizou um sistema social

organizado em vez de indivíduos jornalistas (LÖFFELHOLZ, 2008, p. XI). Um dos predecessores do estudo de Rühl foi o bem recebido artigo de Warren Breed, “O Controle Social na Redação: Uma Análise Funcional” (BREED, 1955).

Rühl rejeitou os conceitos normativos e individualistas do jornalismo existentes, afirmando que “a pessoa como paradigma é um termo muito complexo e rígido demais para servir como unidade de análise para o jornalismo. Como solução para isso, sugere-se o termo ‘sistema social’, que permite a diferenciação entre o jornalismo e seus ambientes” (RÜHL, 1980, p. 435-9). Rühl conduziu um estudo de caso das estruturas e da função da redação que manifestou uma perspectiva até ali desconhecida:

A ação editorial, na forma de produção editorial de jornais no sistema de uma sociedade altamente desenvolvida industrialmente, não é realizada apenas por alguns editores coletando mensagens, corrigindo e escrevendo, mas é um processo produtivo altamente racionalizado em uma organização igualmente racionalizada e diferenciada (RÜHL, 1969, p. 13).

Na pesquisa em jornalismo na década de 1990, não apenas a abordagem teórica de sistemas foi refinada, mas também começou a busca por teorias de “integração” social. Estas são as teorias que poderiam superar a dicotomia de sistema e matéria, e de estrutura e ação. O modelo da hierarquia das influências, por exemplo, desenvolvido pelos estudiosos norte-americanos Pamela Shoemaker e Stephen D. Reese (1996), está ligando os fatores individuais, estruturais e normativos a fim de descrever como se produz o conteúdo da mídia (LÖFFENHOLZ, 2008, p. 21). Assim, os estudiosos tentaram mais e mais ligar os níveis micro, meso e macro do jornalismo e pesquisaram as interações diferentes que levam à produção das notícias, vendo “as notícias como uma ‘construção’ social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais” (TRAQUINA, 2005a, p. 28).

Além das contribuições da sociologia, os estudos de jornalismo são influenciados pelas ideias e pelos conceitos que vêm dos estudos culturais (LÖFFENHOLZ, 2000; RAABE, 2005, p. 76-95). Por exemplo, o estudioso britânico John Hartley e a pesquisadora alemã Margreth Lünenborg incitaram a comunidade dos acadêmicos de jornalismo motivados principalmente pela sociologia a superar seu foco estreito da pesquisa em comunicação e a cessar a “exclusão

da audiência” (LÜNENBORG, 2005, p. 20). Segundo eles, as notícias deveriam ser vistas como um produto cultural e os estudos de jornalismo não deveriam focalizar apenas nas “*hard news*”, mas também na cobertura de matérias sobre a moda, as viagens e os temas de interesse humano, além das formas narrativas do jornalismo (LÜNENBORG, 2005, p. 13-4).

Sem dúvida, é preciso levar em conta as implicações culturais do jornalismo, especialmente na pesquisa em jornalismo comparativa que está enriquecendo nossos conhecimentos das estruturas, dos atores e dos produtos do jornalismo. Tentar entender melhor as semelhanças e diferenças entre as culturas de jornalismo no mundo inteiro “tem se tornado um dos mais fascinantes subdomínios no campo dos estudos de jornalismo, e os pesquisadores nesta área estão adotando cada vez mais a perspectiva comparativa” (HANITZSCH, 2008, p. 413).

Entretanto é discutível se a aparente globalização econômica leva ou não a uma “fase global-comparativa” nos estudos de jornalismo conforme Wahl-Jorgensen e Hanitzsch, entre outros, assumem ao apontar para as novas possibilidades de comunicação e colaboração em um mundo globalizado.

Os pesquisadores em jornalismo estão encontrando cada vez mais oportunidades de se reunir com colegas de lugares distantes, o que é possibilitado pelo fim da guerra fria e pela globalização crescente. As novas tecnologias de comunicação têm desencadeado o surgimento de redes globais institucionalizadas de cientistas, enquanto a aquisição de financiamento para estudos internacionais tem se tornado mais fácil. Como o próprio jornalismo é um fenômeno mais e mais global, seu estudo está se tornando um esforço internacional e colaborativo (WAHL-JORGENSEN; HANITZSCH, 2009, p. 6).

Ao contrário dessa premissa otimista, parece que a maior parte dos estudos de jornalismo ainda focaliza a produção das notícias nas nações ocidentais. Todavia, os pesquisadores da África, Ásia e América Latina são encorajados a fazerem ouvir as suas vozes e superar a “ocidentalização” ou “preconceito ocidental” dominante nos estudos de jornalismo (WASSERMAN; DE BEER, 2009). É uma pergunta empírica: até que ponto os estudos de jornalismo já tiveram êxito na globalização dos seus temas, seus focos de pesquisa e das suas abordagens teóricas?

Tabela 1: Revistas acadêmicas enfocando a pesquisa em jornalismo

Revista	Editora	Edições/ Ano
Journalism & Mass Communication Quarterly	Association for Education in Journalism & Mass Communication	4
Journalism Studies	Routledge	6
Journalism - Theory, Practice and Criticism	Sage	6
Journalism & Communication Monographs	Association for Education in Journalism & Mass Communication	4
Equid Novi	University of Wisconsin Press et al. (since 2008)	2
Brazilian Journalism Research	Brazilian Journalism Researchers Association	2
Pacific Journalism Review	Auckland University of Technology	2

2 A LIGAÇÃO INTERDISCIPLINAR: O ESTADO DA PESQUISA EM JORNALISMO

A análise dos artigos publicados nas revistas dedicadas à pesquisa em jornalismo nos ajuda a compreender melhor o *status* dos estudos de jornalismo dentro das disciplinas acadêmicas, dos subdomínios da pesquisa e dos esforços transdisciplinares inovadores.

Tabela 2: Amostra do estudo (número e proporção de artigos)

Revista	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Journalism & Mass Communication Quarterly	68	19,5	19,5	19,5
Journalism Studies	99	28,4	28,4	47,9
Journalism - Theory, Practice and Criticism	66	18,9	18,9	66,8
Journalism & Communication Monographs	13	3,7	3,7	70,5
Equid Novi	21	6,0	6,0	76,5
Brazilian Journalism Research	39	11,2	11,2	87,7
Pacific Journalism Review	43	12,3	12,3	100,0
Total	349	100,0	100,0	--

Embora o discurso teórico nos estudos de jornalismo tenha a sua base principalmente em outras disciplinas bem estabelecidas, especialmente nas ciências sociais, conforme explicado acima, as atividades de pesquisa não refletem necessariamente um debate teórico de modo pleno, mas poderiam mostrar paradigmas, conceitos, abordagens, métodos e temas específicos. Como consequência, as conclusões da nossa análise de conteúdo de dois volumes recentes das revistas acadêmicas indicam a real aceitação ou não aceitação de tradições de pesquisa específicas e permitem tirar conclusões quanto ao *status* atual dos estudos de jornalismo.

Conforme mencionado anteriormente, incluímos na análise sete revistas acadêmicas que usam o termo “jornalismo” nos seus títulos. Presumimos que esta decisão expressa o ponto focal conceitual das revistas. Desde que temos interesse em discutir as fronteiras disciplinares – ou a natureza aberta – dos estudos de jornalismo, nos concentramos nas revistas com características mais voltadas à pesquisa e excluímos as publicações periódicas que visam mais a prática do jornalismo ou o ensino do jornalismo. Além das revistas que têm por alvo o público global, incluímos propositalmente três revistas em inglês representando a erudição jornalística da África, da Ásia-Pacífico e da América do Sul, que até o momento tem sido marginalizada ou negligenciada pela academia ocidental. Cada uma das sete revistas adere a um sistema de revisão pelos pares e publica entre duas e seis edições anualmente (cf. Tabela 1).

A amostra inclui 349 artigos publicados nos volumes de 2008 e 2009 das revistas citadas. Não codificamos os editoriais, as necrologias e as resenhas de livros, visto que estudamos apenas os artigos referenciados. No total, codificamos 182 artigos publicados em 2008 e 167 em 2009. O número ligeiramente menor em 2009 se deve ao fato de que *Journalism – Theory, Practice and Criticism* publicou uma edição especial do 10º aniversário em junho de 2009 que não conteve os artigos padrões referenciados, mas 38 ensaios curtos, editorial e resenhas de livros que não puderam ser utilizados para os fins deste estudo.

Para assegurar a confiabilidade da codificação, 12 dos 349 artigos (3,4%) foram codificados por dois codificadores. Das 588 decisões de codificação possíveis, os codificadores divergiram em apenas 46 casos únicos; decidiram pelo mesmo valor de uma variável 542 vezes. Assim, o coeficiente de confiabilidade intercodificador deu $r = 0,92$. Na maioria das vezes, foi a categoria “foco teórico” que levou a decisões de codificação diferentes. A razão principal dessas diferenças é que, em muitas contribuições, os autores não afirmaram

clara e explicitamente suas bases teóricas.

O campo da pesquisa em jornalismo que os autores estudaram nos seus artigos foi codificado de acordo com a estrutura heurística clássica de Harold D. Lasswell (1948) na sua bem conhecida fórmula: “Quem fala o que em que canal para quem com que efeito?”. Se os estudos respectivos focalizaram o “Quem”, codificamos “pesquisa em comunicação”; se focalizaram o “Que”, codificamos “pesquisa em conteúdo da mídia”, e assim por diante. Escolhas múltiplas eram possíveis. A pesquisa em comunicação ocupa o primeiro lugar. Quase dois terços de todos os artigos tratam deste campo dos estudos de jornalismo, seguidos pela pesquisa em conteúdo da mídia (49,6%). Depois acontece um hiato grande. Apenas cerca de 15% dos estudos focalizaram a pesquisa de audiência no jornalismo, enquanto menos de 10% de todos os artigos apresentaram dados ou observações relacionadas com o canal ou a mídia. A tabela 3 mostra como os campos de pesquisa estão representados nas sete revistas. Em quase todas as revistas, a pesquisa em comunicação e a pesquisa em conteúdo da mídia são os campos de pesquisa mais importantes.

Tabela 3: Campos de pesquisa nos estudos de jornalismo (em percentuais)

Revista	Pesquisa em comunicação	Pesquisa em conteúdo da mídia	Pesquisa em mídia/canal	Pesquisa em audiência
Global	64,5	49,6	9,2	14 , 6
Journalism & Mass Communication Quarterly	35,3	58,8	4,4	44 , 1
Journalism Studies	68,7	47,5	16,2	5 , 1
Journalism – Theory, Practice and Criticism	78,8	39,4	1,5	10 , 6
Journalism & Communication Monographs	84,6	53,8	7,7	15 , 4
Ecquid Novi	71,4	28,6	28,6	14 , 3
Brazilian Journalism Research	61,5	61,5	10,3	10 , 3
Pacific Journalism Review	72,1	53,5	2,3	0 , 0

Uma das perguntas mais importantes a serem respondidas por nosso estudo empírico está ligada com os focos teóricos da pesquisa

em jornalismo. Para ter um instrumento sólido para agrupar o grande número de abordagens teóricas distintas em seções, utilizamos uma taxonomia desenvolvida por um dos autores deste artigo há cerca de uma década. Conforme mencionado acima, Martin Löffelholz distinguiu um número de conceitos teóricos básicos da pesquisa em jornalismo, isto é, individualismo normativo, teorias de mídia materialistas, empiricismo analítico e legitimístico, teorias de ação (críticas), teorias de sistemas, teorias de integração social e estudos culturais. Cada conceito resume um número de abordagens teóricas específicas que são semelhantes em termos das suas origens, noções e premissas básicas, entre outros. Para uma elaboração aprofundada desta classificação metateórica, favor ver as contribuições publicadas anteriormente (LÖFFELHOLZ, 2000, 2003, 2008). Se o codificador não podia relacionar a teoria utilizada com um dos conceitos supracitados, o codificador usou uma variável em fila separada, anotando a abordagem respectiva. Era possível também indicar que não havia nenhuma teoria utilizada.

Tabela 4: Focos teóricos dos estudos de jornalismo

Principal foco teórico	Frequência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Acumulada
Individualismo normativo	24	6,9	8,3	8 , 3
Teorias de mídia materialistas	3	0,9	1,0	9 , 3
Empiricismo analítico	110	31,5	37,9	47 , 2
Empiricismo legitimístico	21	6,0	7,2	54 , 5
Teorias de ação	23	6,6	7,9	62 , 4
Teorias de sistemas	11	3,2	3,8	66 , 2
Teorias de integração social	4	1,1	1,4	67 , 6
Estudos culturais	94	26,9	32,4	100,0
Total	290	83,1	100,0	--

Tabela 5: Foco teórico ou empírico dos estudos de jornalismo

Foco teórico / empírico	Frequência	Porcentagem
Principalmente teoria	109	31,2
Principalmente conclusões empíricas – estudo único	200	57,3
Principalmente conclusões empíricas – estudo comparativo	40	11,5
Total	349	100,0

Se deixarmos de lado os artigos que não mencionam um foco teórico específico ou que se relacionam com uma abordagem que não está incluída na taxonomia descrita (16,9%) e se considerarmos que os 290 artigos remanescentes equivalem a 100%, então quase dois quintos destas contribuições (37,9%) utilizam teorias relacionadas com o paradigma do empiricismo analítico. Um terço utiliza premissas conceituais em estudos culturais. As outras categorias, a saber, o individualismo normativo, as teorias críticas de ação e o empiricismo legitimístico aparentemente não são tão relevantes. Os três conceitos teóricos remanescentes são ainda menos utilizados nos estudos internacionais de jornalismo. As teorias de mídia materialistas são consideradas irrelevantes desde que caiu a Cortina de Ferro e a maioria dos regimes socialistas foram obrigados a render-se. As teorias de sistemas sociológicos, além das teorias de integração social, embora muito apreciadas nos países onde se fala alemão, ainda não alcançam as outras partes do mundo.

Ao olhar para a relevância do empiricismo analítico detalhadamente, uma porcentagem extraordinariamente alta dos estudos está relacionada com as teorias de alcance médio, especificamente *agendasetting* (cerca de 10% de todos os 349 artigos) e as teorias de seleção de notícias tais como *gatekeeping*, *news bias* ou a teoria de valores-notícias (8%). Estas teorias podem ser facilmente combinadas com a pesquisa empírica e têm uma posição sólida na carteira teórica dos estudos de jornalismo.

Tabela 6: Métodos de pesquisa dominantes em estudos de jornalismo

Método de pesquisa empírica	Frequência	Porcentagem
Análise de conteúdo	151	43 , 3
Entrevistas em profundidade/ estruturadas	70	20 , 1
Questionário	29	8 , 3
Observação	27	7 , 7
Formulário verbal	13	3 , 7
Pesquisa online	13	3 , 7
Experiência (laboratório)	11	3 , 2

Como apresentado na Tabela 5, não é surpreendente que mais de dois terços de todos os artigos (68,8%) apresentem a pesquisa empírica, na maioria das vezes concentrada em estudos de caso únicos. Apenas um pouco mais de 10% ofereceram resultados de estudos comparativos de países, culturas jornalísticas ou coisas parecidas. Este único dado não permite identificar uma fase global-comparativa nos estudos de jornalismo nem negligenciar uma possível mudança paradigmática. As pesquisas futuras mostrariam se os estudos comparativos estão aumentando ou não.

Os estudos que dependem apenas das considerações teóricas representam quase um terço de todos os artigos analisados. Estes estudos não utilizam uma abordagem empírica, embora às vezes apresentem dados empíricos não necessariamente colhidos pelos autores. Os estudos concentrados na pesquisa empírica utilizam diversos métodos, muitos dos quais desenvolvidos na sociologia nascente alemã ou norte-americana ou na psicologia social. Especialmente na década de 1940, os emigrantes judaicos da Alemanha nazista melhoraram suas ideias metodológicas nos Estados Unidos e assim contribuíram para o estabelecimento de um variado cânone de métodos clássicos de pesquisa.

De acordo com as nossas conclusões, o método quantitativamente mais relevante de pesquisa empírica dos estudos de jornalismo é a análise de conteúdo (43,4%). Entrevistas em profundidade ou estruturadas estão em segundo lugar e são utilizadas em cerca de um quinto dos estudos analisados.

Questionários e observações são utilizados em menos de 10% dos artigos analisados, enquanto os formulários verbais, as pesquisas *online* e as experiências não pertencem (pelo menos, por enquanto) ao repertório padrão da pesquisa em jornalismo. A codificação múltipla foi permitida.

Tabela 7: Proporção dos estudos que utilizam a análise de conteúdo ou as entrevistas em profundidade (em percentuais)

Revista	Análise de conteúdo	Entrevistas em profundidade
Journalism & Mass Communication Quarterly	45,6	5 , 9
Journalism Studies	51,5	23 , 2
Journalism – Theory, Practice and Criticism	37,9	34 , 8
Journalism & Communication Monographs	53,8	30 , 8
Ecquid Novi	38,1	42 , 9
Brazilian Journalism Research	43,6	10 , 3
Pacific Journalism Review	27,9	7 , 0

Ao excluir aproximadamente um quarto dos artigos (24,4%) que não utilizam nenhum método de pesquisa empírica, construímos uma “amostra-método” de $n = 264$ artigos. Desses 264 artigos, 210 seguem um desenho-método-único. Os 54 artigos restantes têm abordagens multimetodológicas. A maioria combina dois métodos diferentes, porém em seis casos se utilizam três métodos diferentes. Dos seis estudos especiais, três combinam a análise de conteúdo, as entrevistas em profundidade e a observação. Com relação aos estudos multimetodológicos em geral, 37% utilizam a análise de conteúdo junto com as entrevistas em profundidade, 24% combinam as entrevistas e a observação, e 13% usam análise de conteúdo e questionários.

A correlação entre a utilização dos métodos de pesquisa e as abordagens teóricas identifica uma relação forte da análise de conteúdo com o conceito do empiricismo analítico. Setenta por cento de todos os 110 artigos que fazem referência ao empiricismo analítico apresentam os resultados de uma análise de conteúdo. Por exemplo,

muitos estudos “clássicos” da teoria de *news value* utilizam a análise de conteúdo para detectar certos aspectos das notícias. Descobrimos também uma correlação significativa entre a análise de conteúdo e os estudos culturais. Em mais de dois quintos de todos os artigos com base nos estudos culturais (43,8%), os pesquisadores realizaram uma análise de conteúdo. Além disso, os estudos culturais estão ligados estreitamente às entrevistas em profundidade (23,4%). Os estudos baseados no conceito teórico do empiricismo legitimístico têm uma relação forte com as entrevistas em profundidade (42,9%) e também com os questionários (23,8%). Isso poderia ser explicado pelo fato de que o empiricismo legitimístico se interessa principalmente pela motivação, pela autoestima e pela afiliação política dos jornalistas, além das suas imagens dos colegas e da audiência (LÖFFELHOLZ, 2003, p. 35).

Através da correlação entre a utilização dos métodos de pesquisa e as revistas respectivas, detectamos que, com exceção da *Pacific Journalism Review*, em todas as revistas a maioria dos seus estudos mostra os resultados das análises de conteúdo ou das entrevistas. Ao confirmar as conclusões da correlação entre os focos teóricos e a utilização dos métodos de pesquisa, todas as revistas apresentam a maioria dos artigos baseados na análise de conteúdo e no empiricismo analítico. Por exemplo, de todos os artigos publicados na *Journalism and Mass Communication Quarterly* que elaboraram um foco teórico, mais de dois terços poderiam ser categorizados como pertencentes ao empiricismo analítico (68,9%). Resultados semelhantes são encontrados na *Journalism and Communication Monographs* (41,7%), na *Brazilian Journalism Research* (40,6%) e na *Journalism: Theory, Practice and Criticism* (40%). Em comparação, *Ecquid Novi* focaliza mais os estudos culturais (65%), e a mesma coisa acontece com a *Journalism Studies* (47,7%) e a *Pacific Journalism Review* (42,9%). Assim, dois grupos de revistas acadêmicas podem ser distinguidos – aquelas mais dedicadas aos estudos culturais e aquelas mais focadas no paradigma empírico-analítico.

Tabela 8: Orientação por tipo de mídia nos estudos de jornalismo (percentuais, com possíveis escolhas múltiplas)

Revista	Jornal	Revista	Rádio	Televisão	Online
Global	38,7	7,7	8,0	15,8	17,5
Journalism & Mass Communication Quarterly	33,8	11,8	4,4	17,6	23,5
Journalism Studies	46,5	4,0	8,1	12,1	18,2
Journalism – Theory, Practice and Criticism	31,8	4,5	6,1	16,7	12,1
Journalism & Communication Monographs	53,8	23,1	7,7	15,4	0,0
Ecquid Novi	38,1	0,0	33,3	9,5	0,0
Brazilian Journalism Research	41,0	10,3	0,0	20,5	38,5
Pacific Journalism Review	32,6	11,6	11,6	18,6	9,3

Mais de um quarto de todos os artigos publicados pelas revistas (27,8%) não focalizam uma mídia específica, mas discutem aspectos gerais tais como as teorias, as condições para a profissionalização dos jornalistas, efeitos cognitivos gerais e outros temas. Quanto ao tipo de mídia que mais interessa aos pesquisadores em jornalismo, o jornal ainda domina como objeto de estudo. Fica em primeiro lugar em cada periódico. De alguma maneira, isto é surpreendente, considerando o tempo muito maior gasto pelas audiências em assistir à televisão em vez de ler os jornais e, ainda mais evidente, a relevância crescente da mídia *online*. Uma possível explicação é que é mais fácil lidar com as análises de conteúdo da mídia impressa do que com as análises de áudio, vídeo ou materiais *online*. Entretanto, a mídia *online* e a televisão também são importantes na pesquisa em jornalismo (17,5% e 15,8% respectivamente). Na medida em que a Internet se torna cada vez mais relevante, mesmo nas áreas rurais do mundo, é aconselhável analisar este desenvolvimento no futuro. Por outro lado, seria interessante também olhar os volumes passados das revistas de estudos de jornalismo e, por exemplo, procurar o

ponto no tempo em que a Internet “ultrapassou” a televisão.

Devido à sua relevância crescente, a mídia *online* como objeto da pesquisa em jornalismo foi examinada mais detalhadamente. Encontramos várias possibilidades para destacar o papel da Internet na pesquisa. Por exemplo, há estudos dos sites governamentais, dos sistemas de gerenciamento de conteúdo, dos sites e do conteúdo das notícias dos movimentos sociais, além dos temas relacionados com os *search engines* ou os *wikis*. Entretanto, a maior parte dos estudos focaliza a mídia social, como os blogs, as *ecommunities* (Facebook, Xing) e as plataformas multimídia de compartilhamento, como a de fotos Flickr ou a de vídeos YouTube. Em quase dois quintos dos estudos que tratam das questões relacionadas com a Internet (39,3%), os autores escreveram sobre blogs ou blogueiros, em 8,2% sobre as plataformas multimídia, em 4,9% sobre as comunidades virtuais, e em 3,3% trataram de serviços de *microblogging* como o Twitter. Além disso, indagamos se os estudos focalizam o conteúdo fornecido por jornalistas profissionais (sites jornalísticos) ou o conteúdo gerado pelos usuários. Os resultados mostram que a análise do conteúdo noticioso produzido profissionalmente até o momento ultrapassa a pesquisa do conteúdo gerado pelos usuários (72,1% e 27,9% respectivamente). Logo, a pesquisa em jornalismo ainda continua analisando o conteúdo de jornalistas profissionais, o que mostra que a compreensão tradicional do jornalismo como uma prática profissional ainda prevalece.

Tabela 9: Focos regionais da pesquisa em jornalismo (possíveis respostas múltiplas)

Foco regional	Porcentagem
América do Norte	36 , 9
Europa	25 , 5
Austrália / Nova Zelândia / Oceania	14 , 8
América Latina	11 , 7
Ásia	10 , 1
África	8 , 7

Em comparação, os estudos de revistas e de rádio não são tão populares na pesquisa em jornalismo. Menos de 10% dos artigos de todos os periódicos analisados escolhem estes tipos de mídia como

objetos de pesquisa. A alta porcentagem de análises do jornalismo de revista na *Journalism & Communication Monographs* deveria ser vista com relação ao pequeno número de artigos neste periódico – há apenas 13 artigos (cf. Tabela 2). O motivo da porcentagem extraordinariamente alta de artigos na *Ecquid Novi* que tratam o jornalismo em rádio está mais provavelmente relacionado com a importância do rádio nas áreas rurais africanas e nos países que tentaram ou ainda tentam mudar os direitos democráticos do povo com a ajuda da mídia. Por exemplo, alguns artigos publicados na *Ecquid Novi* tratam da rádio comunitária na Nigéria. As agências noticiosas também estão incluídas no nosso estudo, porém não representam mais de 2,6% de todos os artigos.

Com relação ao foco territorial ou nacional dos estudos de jornalismo, não é surpreendente que as três revistas com um foco nacional nos seus títulos, a saber *Ecquid Novi: African Journalism Studies*, *Brazilian Journalism Research* e *Pacific Journalism Review*, destaquem principalmente as questões ligadas ao jornalismo africano, latino-americano e australiano/pacífico. Entre outros, os temas incluem o jornalismo pós-*apartheid*, a Galeria de Imprensa Federal Australiana, ou a cobertura da campanha eleitoral do partido Maori.

Cinquenta e um artigos não focalizam um país específico. Se excluirmos estes artigos da amostra total ($n = 349$), ainda restam 298 artigos utilizando um foco de país específico. Usando esta amostra como base ($298 = 100\%$), identificamos uma proporção forte de 36,9% dos artigos tratando da América do Norte, especialmente dos Estados Unidos, enquanto cerca de um quarto trata de aspectos do jornalismo nos países europeus (na premissa de que consideramos a Turquia como país asiático). A Austrália, a Nova Zelândia e a Oceania são representadas por 14,8% dos artigos, a América Latina por 11,7%, a Ásia por 10,1% e a África por 8,7%. Estes focos regionais desproporcionais refletem um aspecto importante da realidade dos estudos de jornalismo. Apesar da ideia otimista de uma fase global-comparativa, a pesquisa em jornalismo continua dominada enormemente pelos esforços ocidentais. Por um lado, esta conclusão geral está sublinhada pela distribuição desproporcional de países específicos. Por outro lado, nosso estudo mostra que, além das fronteiras tradicionais entre o mundo industrializado e o mundo em desenvolvimento, há também as barreiras de língua que dificultam a atração da atenção internacional ou mesmo global por uma pesquisa específica de jornalismo nacional. Enquanto 106 artigos tratam dos Estados Unidos, 31 do Reino Unido e 29 do Brasil, a Alemanha, que

tem uma tradição forte na pesquisa da área, é mencionada em apenas seis artigos. Outro resultado interessante relacionado com a premissa de uma fase global nos estudos de jornalismo é que menos de 10% de todos os artigos tratam explicitamente de aspectos interculturais ou internacionais (9,2%).

Tabela 10: Ligações disciplinares da pesquisa em jornalismo

Ligação disciplinar	Frequência	Porcentagem
Política	141	40 , 4
Tecnologia	52	14 , 9
História	35	10 , 0
Publicidade	30	8 , 6
Relações Públicas	16	4 , 6
Entretenimento	13	3 , 7
Economia	9	2,6
Outros (cultura, direito, forças armadas, religião, ciência, esporte etc.)	8	2,3
Nenhuma ligação disciplinar específica	45	12 , 9
Total	349	100,0

A conexão interdisciplinar dos estudos de jornalismo é conhecida por todos os pesquisadores que permanecem por algum tempo no campo. As nossas conclusões mostram que há ligações disciplinares consideradas mais importantes que outras (cf. Tabela 10). Embora a variedade de ligações disciplinares impressione, a relação mais forte é com a política e a ciência política. Seguem a tecnologia, a história e a publicidade, enquanto que as ligações com as relações públicas, o entretenimento e a economia são menos relevantes.

É interessante que algumas das ligações mais importantes da pesquisa em jornalismo, como a publicidade, as relações públicas e o entretenimento, apontam para temas da área de comunicação. Isso mostra a conexão especial de certas áreas temáticas relativas à análise de formas específicas de comunicação e a esfera pública que são campos de pesquisa que se reivindicam como objetos de estudos de comunicação.

A grande variedade de temas ligados com campos disciplinares

diferentes sublinha a vivacidade e a abertura dos estudos de jornalismo. Os pesquisadores em jornalismo se interessam por uma variedade de temas como o jornalismo rural, fotojornalismo, a linguagem dos produtos jornalísticos, o jornalismo investigativo, as caricaturas como formatos jornalísticos, o jornalismo universitário, a cobertura de guerra, o jornalismo especializado em música, a censura, a liberdade de imprensa, o monitoramento da mídia, as celebridades, o jornalismo missionário, telejornalismo, a situação do emprego no jornalismo, o plágio, as leis de direitos autorais, o acesso da imprensa aos registros governamentais, o uso de novas tecnologias para investigação jornalística, as revistas gratuitas, a cobertura de suicídios de mulheres agredidas, *rebranding*, o jornalismo bilíngue, a relevância das teorias de Foucault para os estudos de jornalismo, os leitores de jornais, os obituários, o jornalismo cidadão, as fotos das mulheres do campo político, o jornalismo vigilante, os vazamentos, a mineração de dados e o jornalismo popular.

De acordo com as nossas conclusões, alguns temas de pesquisa e as suas ligações disciplinares são mais importantes que outros, pelo menos se levarmos em conta a frequência com que os temas aparecerem nos artigos analisados. Mais de um quinto dos estudos (20,6%) tratam de aspectos relacionados com a estrutura e organização do jornalismo, por exemplo, em escritórios editoriais ou em redações, e as estruturas resultantes das entidades reguladoras (com relações disciplinares com estudos de administração e de sociologia). Os artigos que tratam de temas como a ética, os valores ou as exigências normativas no jornalismo representaram 16% da amostra total (com ligações disciplinares com a filosofia, a ciência política e a sociologia). Por outro lado, menos de cinco por cento dos artigos focalizaram a globalização ou a europeização (4,6%), refletindo a relevância ainda baixa do paradigma da globalização na pesquisa em jornalismo. Entretanto, 8% dos artigos se concentraram explicitamente nos aspectos de gênero ou raça, indicando que o discurso sobre a hibridização cultural já alcançou a pesquisa em jornalismo.

CONCLUSÃO E PERSPECTIVA

No início do século 21, os estudos de jornalismo alcançaram certo nível de institucionalização. O número de escolas de jornalismo e cargos de professores especializados na pesquisa e no treinamento poderá ser descrito como satisfatório, embora a institucionalização varie de país para país. Ao redor do mundo, o jornalismo é ensinado não

apenas por departamentos e professores especializados, mas também por meio de diversas disciplinas, principalmente dentro dos estudos de comunicação e mídia, e às vezes também dentro dos estudos de línguas e outras matérias culturais clássicas. A institucionalização da pesquisa em jornalismo também progrediu. Muitas revistas acadêmicas têm dedicado muito do seu conteúdo para a produção das notícias, e a maioria das associações de estudiosos na área da comunicação têm estabelecido divisões específicas visando reunir pesquisadores interessados no estudo do jornalismo. O resultado é que os estudos de jornalismo mostram sinais de disciplinaridade (especialmente em termos da institucionalização do ensino do jornalismo) e ao mesmo tempo se beneficiam do seu *status* como um subdomínio para a pesquisa nos estudos de comunicação.

A nossa análise do discurso teórico sobre o jornalismo provou que as origens e os desenvolvimentos dos estudos de jornalismo se baseiam em raízes multidisciplinares principalmente das ciências sociais e das matérias culturais clássicas. A sociologia e os estudos culturais, principalmente, contribuíram para o estado atual da teoria do jornalismo. Em resumo, o discurso teórico atual é rico, heterogêneo e cheio de ideias concorrentes. Algumas teorias de alcance médio poderão ser percebidas como resultados específicos dos estudos de jornalismo. No entanto, a maioria, se não todas, poderá estar ligada com os estudos de comunicação em geral. De maneira semelhante, é quase impossível identificar epistemologias distintas dos estudos de jornalismo. As metodologias e métodos de pesquisa utilizados nos estudos de jornalismo foram desenvolvidos por disciplinas como a sociologia ou a psicologia social e são utilizados em todas as ciências sociais, inclusive nos estudos de comunicação e da mídia. Os estímulos para inovações na teoria do jornalismo se baseiam muitas vezes em debates que começaram fora dos estudos de jornalismo, por exemplo, a teoria de campo de Pierre Bourdieu ou as premissas de Anthony Giddens sobre a dualidade de estruturas e sua transferência para os estudos de jornalismo (LÖFFELHOLZ, 2008). Quanto à origem e ao estado de epistemologias e teorias, os estudos de jornalismo subsequentemente não cumprem as exigências para identificá-los como uma disciplina distinta.

Pelo contrário, parece que os estudos de jornalismo combinam aproximadamente múltiplas abordagens criadas por diversas disciplinas sem discutir detalhadamente seus potenciais para interligações ou integração. A estudiosa de comunicação Barbie Zelizer notou há alguns anos:

O estudo contemporâneo de jornalismo tem dividido os estudiosos do jornalismo não apenas um do outro, mas também das outras partes da academia. Dentro dele há bolsos profundos que separam os grupos de pessoas que compartilham preocupações pelo passado, presente e futuro do jornalismo, porém lhes falta uma plataforma conversacional compartilhada para as suas preocupações. Eles incluem os educadores de jornalismo, os estudiosos de jornalismo nos departamentos de estudos de comunicação e mídia, os professores de redação interessados nos textos do jornalismo, estudiosos da tecnologia envolvida na transferência das informações (ZELIZER, 2004, p. 3).

Ainda fica para ver que direção os estudos de jornalismo deveriam tomar para superar sua divisão em comunidades interpretativas separadas. É aconselhável trabalhar para alcançar o *status* de uma disciplina distinta? Esta meta é alcançável, dadas a falta de epistemologias específicas e a sua multidisciplinaridade eclética? Ou os estudos de jornalismo deveriam aceitar ou avançar seu *status* como um subdomínio dos estudos de comunicação?

Do nosso ponto de vista, os estudos de jornalismo seriam beneficiados no seu papel de subdomínio, dado que os estudos de comunicação reúnem todas as áreas de pesquisa relacionadas com a mídia e a comunicação, incluindo o jornalismo. Tanto os estudos de jornalismo quanto os estudos de comunicação têm estreitas ligações com a sociologia, psicologia, tecnologia da informação, linguística, literatura, ciência política e história, entre outros. Isto dá aos estudos de jornalismo a oportunidade de fazer uso das suas abordagens e experiências interdisciplinares apesar de seu *status* subdisciplinar. Além disso, a perspectiva mais ampla dos estudos de comunicação facilita a superação das fronteiras culturais, nacionais e disciplinares possibilitando uma verdadeira pesquisa global em jornalismo (WEAVER; LÖFFELHOLZ, 2008, p. 8). Finalmente, os estudos de comunicação transcendem diversas disciplinas e visam se tornarem uma das matérias acadêmicas axiais do século 21. Isto não é um obstáculo, mas uma oportunidade para os estudos de jornalismo.

REFERÊNCIAS

BREED, Warren . Social Control in the Newsroom: A Functional Analysis. **Social Forces**, 33, 326-335, 1955.

DUCKKOWITSCH, Wolfgang *et al.* **Journalistische Persönlichkeit. Fall und Aufstiegeines Phänomens** [Journalist Personalities. Decline and rise of a phenomenon]. Köln: Herbert von Halem, 2009.

FRANKLIN, Bob *et al.* **Key Concepts in Journalism Studies.** London, u.a.: Sage, 2005.

HANITZSCH, Thomas: Comparative Journalism Studies. *In:* WAHLJORGENSEN, Karin Wahl-Jorgensen; HANITZSCH, Thomas (Eds.). **Handbook of Journalism Studies.** New York: Routledge, 2009. p. 413-427.

LASSWELL, Harold D. The Structure and Function of Communication in Society. *In:* BRYSON, L. (Ed.). **The Communication of Ideas: A series of Addresses.** New York: Harper and Brothers, 1948.

LÖFFELHOLZ, Martin: **Politik im Wissenschaftssystem. Planung und Implementation der hochschulgebundenen Journalistenausbildung** [Politics in the system of science. Planning and implementation of academic journalism education]. Münster: Lit, 1989.

_____. **Theorien des Journalismus. Ein diskursives Handbuch** [Journalism theories. A discursive handbook]. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag, 2000.

_____. Kommunikatorforschung: Journalistik [Communicator Research: Journalism]. *In:* BENTELE, Günter; BROSIUS, Hans-Bernd; JARREN, Otfried. Öffentliche **Kommunikation** [Public Communication]. Wiesbaden: Westdeutscher Verlag, 2003. p. 28-53.

_____. Heterogeneous - Multidimensional - Competing: Theoretical Approaches to Journalism – an Overview. *In:* LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds.). **Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings, Future.** Malden, Oxford: Carlton: Blackwell, 2008. p. 15-27.

LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David. (Eds.). **Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings, Future.** Malden, Oxford, Carlton: Blackwell, 2008.

LÜNENBURG, Margreth: **Journalismus als kultureller Prozess. Zur Bedeutung von Journalismus in der Gesellschaft. Ein Entwurf** [Journalism as cultural process. Meaning of journalism in society. An outline]. Wiesbaden: VS, 2005.

MEYEN, Michael; LÖBLICH, Maria. **Klassiker der Kommunikationswissenschaft. Fach - und Theoriegeschichte in Deutschland** [Classics of Communication Science. History of the subject and its theories in Germany]. Konstanz: UVK, 2006.

PRUTZ, Robert E. **Geschichte des deutschen Journalismus** [History of German journalism]. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1971 [1845].

RAABE, Johannes. **Die Beobachtung journalistischer Akteure. Optionen einer empirisch-kritischen Journalismusforschung** [Observation of journalist actors. Options of empirical-critical journalism studies]. Wiesbaden: VS, 2005.

RÜHL, Manfred. **Journalismus und Gesellschaft. Bestandsaufnahme und Theorieentwurf** [Journalism and society. Status quo and theory design]. Mainz: Hase und Koehler, 1980.

_____. **Die Zeitungsredaktion als organisiertes soziales System** [The newspaper's editorial department as an organized social system]. Bielefeld: Bertelsmann Universitätsverlag, 1969.

SHOEMAKER, Pamela J.; REESE, Stephen D. **Mediating the Message. Theories of Influences on Mass Media Content**. 2. ed. New York: Longman, 1996.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são**. Second edition. Florianópolis: Insular, 2005a.

_____. **Teorias do Jornalismo. Volume II: A tribo jornalística** – uma comunidade interpretativa transnacional. Second edition. Florianópolis: Insular, 2005b.

WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (Eds.). **Handbook of Journalism Studies**. New York: Routledge, 2009.

WASSERMANN, Herman; DE BEER, Arnold S. **Towards De-Westernizing Journalism Studies**.

WEAVER, David (Ed.). **The Global Journalist: News people around the world**. Cresskill: NJ. Hampton Press, 1998.

WEAVER, David; LÖFFELHOLZ, Martin. Questioning National, Cultural, and Disciplinary Boundaries. A Call for Global Journalism Research. In: LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David (Eds.). **Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings, Future**. Malden, u.a.: Blackwell, 2008. p. 3-12.

ZELIZER, Barbie. **Taking Journalism Seriously**. News and the Academy. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2004.

Martin Löffelholz é professor da Universidade Ilmenau de Tecnologia, na Alemanha, e doutor em Comunicação pela Universidade de Münster. É autor de mais de 10 livros sobre jornalismo.

Liane Rothenberger é jornalista e pesquisadora sênior da Universidade Ilmenau de Tecnologia, na Alemanha.

ARTIGO ORIGINALMENTE PUBLICADO EM JUNHO DE 2011.